

O ciclo da água

Isli Melanie

Por um triz Mariana perderia o garoto para o solo. As goteiras na sala de aula irritavam-na. Ela percebia que estava a cada segunda-feira mais distante daqueles meninos. Os fins de semana em que passava com certo homem duravam até quarta-feira no pensamento. Ih, professora, o Carlos vai cair da... uau! Por um triz Mariana perderia o garoto para o solo. Levou-o para seu lugar e, sem dizer nenhuma palavra dura ou de doçura, o olhou nos olhos e fez aquele sinal de quem pede silêncio com o dedo na frente dos lábios. Carlos a olhou de volta assustado com a inesperada cumplicidade da professora. As outras crianças sentiram medo, ela sabe. Mariana, no entanto, não sentiu medo e até ensaiava um sorriso discreto para acompanhar seu semblante placidamente perdido. Porque naquela manhã de segunda-feira seria ela também capaz de pular pela janela. Fechou as enormes vidraças e apagou todos os desenhos que tinha feito no quadro. Encarou a turma com o sorriso já definitivo.

Quando Mariana ainda era criança, estudava o ciclo da água nas aulas de ciências da Escola Municipal Charles Péguy. Duas professoras deixaram marcas bem fortes em si. Lembrava-se das professoras Dina, pois como era engraçado esse nome para eles, crianças, e Conceição lutando contra a rebeldia dos rapazes repetentes alojados erroneamente entre os pequenos alunos da terceira série do turno da tarde. Quanta coisa cabe na cabeça de Mariana:

As carteiras ficavam emparelhadas e Mariana sentava-se ao lado de uma menina magra. Era fortíssima aquela amizade e um simples vínculo explica o porquê. A amiga magra não tinha cadernos como os de todo o mundo. Ela escrevia as continhas da matemática e desenhava o ciclo da água num monte de folhas de papel que ela trazia grampeado. Mariana e a menina magra copiavam os desenhos que a tia Dina fazia, com toda a propriedade, no quadro negro. Tia Dina poderia até ser desenhista se não fosse professora de crianças. É. Ela tinha muito talento para o desenho.

O mais difícil para a amiga magra, pobrezinha, é que as folhas que ela trazia para a escola não eram pautadas. Então, ela pedia a Mariana para desenhar as linhas. Só

depois que o serviço fosse feito é que ela poderia começar a escrever. Isso as unia a tal ponto de um dia Mariana decidir chegar à escola sem o seu tradicional caderno e com um maço de folhas grampeadas também. E riam e conversavam enquanto pautavam os seus cadernos antes das aulas.

Vinte anos se passaram. A menina do caderno em branco sumiu no mundo escuro. As amigas não aprenderam a desenhar tão bem quanto Dina. Mariana não luta contra a rebeldia dos alunos como Conceição fazia diariamente com os seus. Mas todo dia que chove acontece o ciclo da água que elas estudavam nas aulas de ciências de ambas as professoras. Aí vem o sol e enxuga tudo e leva lá pra cima. Outro dia vai chover toda a chuva que estava guardadinha na nuvem desde aquele dia em que o sol secou o molhado do seu pé e armazenou água no céu.

Ontem choveu forte no Rio de Janeiro. Por algum tempo Mariana ficou observando o fenômeno. A chuva caindo e a certeza de ver o ciclo acontecendo. Hoje choveu, molhou de novo o chão. O sol ainda não veio, desde ontem. Nem se sabe se ele vem amanhã ou depois de depois de amanhã; mas a chuva não pensa nisso. A chuva tem a certeza do ciclo. Uma hora o calor invade a terra e a carrega para cima de volta. A chuva nem pensa nisso. Joga-se ao chão, doando-se toda... É o amor de chuva.

Até hoje em sua vida, Mariana teve apenas amores de sol. Horas coloridas, douradas, alegres, quentes como a luz, como o céu aberto, todo azul. O sol também é bom, muito bom. Faz parte do ciclo. Seca, seca, seca. Re-seca, re-seca. Quando criança, Mariana e a menina do caderno em branco estudaram o ciclo da água nas aulas de ciências da Escola Municipal Charles Péguy. Suas professoras sequer desconfiavam do que lhes ensinavam. E elas riam e desenhavam, desenhavam as linhas, as contas, a nuvem, o sol, a igualdade, os pingos, a matemática, o ciclo.

Mariana entendeu tudo sobre o ciclo da água. Entendeu o que é amor de verdade. Amor de verdade é o amor de chuva.